

CONSCEG-*indo*

Em busca de ética, conhecimento e cidadania

email:consceg@yahoo.com.br

São Paulo, Maio 2005

Distribuição Gratuita

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DAS FLORES

Mais uma vez, trazemos nossa colaboração à Universidade São Marcos, a fim de conseguirmos que esse importante espaço acadêmico seja mais justo e acessível para todos. Para tanto, listamos abaixo o que está bom, em termos de inclusão e acessibilidade, o que ainda não está e o que precisamos fazer para chegarmos lá.

a) Reconhecemos que a Universidade vem mantendo uma política de concessão de bolsas de estudos, mesmo antes do evento PROUNE, que, aliás, ela também encampou. Essa política também contempla alunos com deficiência e Alguns de nós recebemos bolsas integrais, outros bolsas parciais, e outros estagiam para pagar integralmente seu curso. Adiantamos que essas bolsas nos ajudam muito e agradecemos pelas mesmas. Entretanto, somente bolsas de estudos não são suficientes para uma boa formação, similar as dos nossos colegas sem deficiência, precisamos de formas adequadas de ensino, materiais de apoio adaptados e didáticas que reconheçam nossas presenças em sala de aula.

b) A UNIMARCOŚ, com nossa ajuda, implantou em Setembro do ano passado, o NAAPNE, Núcleo que está encarregado de nos fornecer material de apoio adaptado, sejam textos em braile, sejam textos digitalizados. Reconhecemos o empenho desse Núcleo, que inclusive conta com a colaboração de duas pessoas deficientes visuais em seu corpo de estagiários. O "nada" de antes, está se transformando, hoje, na produção de materiais.

Entretanto, o serviço ainda precisa ser aperfeiçoado, tendo em vista que muitos materiais fundamentais, principalmente os textos em Braille não estão sendo entregues, provas continuam a serem perdidas e/ou entregues com atra-

so, e isso nos desanima por demais.

c) Somente agora, através do NAAPNE, passamos a ter notícias dos estágios que são oferecidos à universidade, informações de suma importância para nossas pretensões profissionais e, das quais, nem fazíamos idéia antes de nossas reivindicações.

d) Temos que comemorar a existência dos programas leitores de telas, fundamentais para nosso acesso aos computadores, já temos alguns desses programas por aqui. Entretanto, para que os computadores nos ajudem, precisamos de informações dentro dos mesmos. Precisamos de sites e páginas acessíveis e nisso, em muitos pontos, o sistema de informações on-line da Universidade está deficiente.

e) Outras informações fundamentais para nossa maior inclusão no espaço acadêmico são aquelas que constam de inúmeros folders, folhetos e painéis de informação que infestam os corredores e salas de nossa Universidade. Entretanto, a essas não temos acesso nenhum, apesar de levarmos muitos desses folhetos ao NAAPNE, ainda não estamos sabendo do que se trata.

A compra de uma impressora braile é fundamental para a agilização dos processos, a nomeação de um coordenador para assuntos de inclusão e acessibilidade também é urgente. Adiantamos que em nosso grupo, temos pessoas extremamente interessadas, capacitadas e com grande vontade de ajudar nessas transformações, precisando apenas serem chamadas para o diálogo, a fim de cooperarem, pois afinal, "quem sabe faz a hora, não espera acontecer".
CONSCEG

**Agradecemos
o apoio
da Vivo
Solidário
na
impressão
braile deste
jornal**

**JORNAL
ACESSÍVEL
EM FORMATO
IMPRESSO
BRAILE
DIGITAL**

LEIA NESSA EDIÇÃO:

ENTREVISTA: A Profa. Grazia Bottino fala sobre inclusão e acessibilidade. Pág. 02

A LINGUAGEM DE SINAIS É INCLUSIVA OU NÃO? Anaf Guedes e sua posição polêmica e corajosa. Pág. 03

REPERCUSSÃO: Gabriel Medina – Presidente do DCE e seus comentários sobre nosso jornal. Pág. 05

PARABÉNS CRP! Conselho Regional de Psicologia lança o primeiro jornal em braile. Pág. 05

GUIA ISOPORTÁTIL: alunos criativos se viram como podem dentro da São Marcos. Pág. 06

MÉDICO TAMBÉM É GENTE: Relato da Dra. Maria Regina, uma médica apaixonada pela vida. Pág. 07

ERRAMOS: O poema Olhar de Fernanda Arruda agora sem cortes, devido a falha na primeira edição. Pág. 07

AS FARCS NA ACADEMIA, SALVE-SE QUEM PUDE! A nossa resposta a quem nos chama de agressivos. Pág. 08

NÃO QUERO MAIS SER SINDROME DE DOWN! Dra. Meire e seu diálogo com uma criança SD. Pág. 09

OS MARCIANOS NA ACADEMIA! Falando de inacessibilidade com bom humor. Pág. 11

TUDO ISSO E MUITO MAIS, em nosso jornal que, entre palmadas e carícias, está crescendo e vai virar gente grande!

• FUNILARIA E PINTURA
• POLIMENTO E REVITALIZAÇÃO DE PINTURAS
• PERSONALIZAÇÃO DE RETROVISORES
• PEQUENOS REPAROS (MARTELINHO DE OURO)



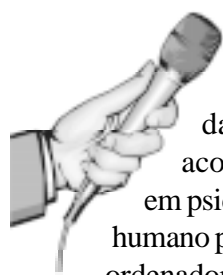
PERSONALIZAÇÃO DE PARA CHOQUES
MARTELINHO DE OURO

CRISTALIZAÇÃO REVITALIZAÇÃO DE PINTURA
MICRO RETOQUE

João
Cel: 9795-9933
R. Arcipreste Ezequias, 229 H - Ipiranga - SP - F. (11) 272-2847


MONOGRAFIAS
IMPRESSÃO, CÓPIAS E ENCADERNAÇÃO DE MONOGRAFIAS, CATÁLOGOS, APRESENTAÇÕES, ETC. CARTÕES DE VISITA, CONVITES, IMÃS, HOT-STAMPING E SERIGRAFIA
AULAS E MATERIAIS DO RAMO
TRABALHOS PARA O MESMO DIA

RUA MACHADO DE ASSIS, 216 - ESTAÇÃO ANA ROSA DO METRÔ
FONE: (11) 5579-3382



ENTREVISTA

Grazia Luíza Bottino, graduada em psicologia, especialista em acompanhamento terapêutico, mestre em psicologia na área de desenvolvimento humano processo ensino e aprendizagem, coordenadora e docente do curso de pós-graduação lato sensu em Educação Inclusiva da Universidade São Marcos, Consultora de empresas Grupo CSU, e SENAC, docente Psicologia da Educação na Faculdade Paulista de Artes.

CONSCEG: Como a inclusão está relacionada em sua vida?

GRAZIA: A inclusão sempre fez parte de minha vida tendo em vista que sempre fui preocupada com as questões do outro, pois sempre achei que deveria ficar do lado do mais necessitado ou da minoria que divergia da norma, no entanto, esse tema ficou ainda mais presente há 13 anos com o nascimento de meu filho que é deficiente visual.



CONSCEG: Como você define o que vem a ser inclusão?

GRAZIA: é um bem-estar de ambas as partes, pessoas consideradas “normais” e pessoas com necessidades especiais, se relacionando normalmente sem que o foco principal seja a diferença.

CONSCEG: Fale-nos um pouco sobre o curso de Educação Inclusiva na Universidade São Marcos.

GRAZIA: Esse curso foi originado (e pensado) devido às minhas andanças nas escolas, atendendo pessoas com deficiência, e também pela minha experiência pessoal, pois verifiquei o desconhecimento dos profissionais envolvidos nessa área, como por exemplo, a questão de não saber sobre as especificidades, falar que uma pessoa é autista, hiperativo sem qualquer embasamento para tal afirmação, afirmar que tal indivíduo tem determinado problema sem qualquer constatação ou seja o rótulo e o enquadre antecedendo a pessoa, etc.. O curso terá a duração de um ano e tem o objetivo principal, sair das questões teóricas e colocar a inclusão na prática, nesse sentido, procuraremos nesse período estudar e refletir sobre as diversas formas de deficiência e seus problemas, e, no final, nossos alunos irão para uma determinada escola da prefeitura a fim de verificar como a inclusão está sendo implantada lá, e os mesmos elaborarão um projeto de intervenção a fim de ajudar essa escola, sempre levando em conta que a

inclusão não é uma receita de bolo pronta e acabada, pelo contrário, ela deve ser implantada em cada local de acordo com suas necessidades.

CONSCEG: Como é ter uma aluna deficiente visual nesse curso?

GRAZIA: é muito importante, pois essa presença faz todos os profissionais envolvidos nele repensarem suas formas de trabalho, ou seja, faz com que eles tenham que sair do lugar já pré-estabelecido, organizado, preparado, para elaborar de uma forma diferente suas aulas, para que essa aluna também possa participar. Em suma, significa uma aprendizagem diária sobre as questões dessa aluna e as nossas questões de como ministrar uma aula que seja interessante e possibilite a aluna acompanhar e participar ativamente.

CONSCEG: Qual sua impressão sobre o nosso grupo?

GRAZIA: Acho muito interessante a existência desse grupo e que o mesmo deve se fortalecer cada vez mais. Me incluo nele não só como professora da Universidade, como também, como pessoa interessada no estudo da inclusão.

CONSCEG: Como você analisa inclusão dentro da Universidade São Marcos?

GRAZIA: Penso que a Universidade está caminhando, na medida em que está criando recursos que, se ainda não são ideais, propicia reflexões sobre a questão, verificamos que no ano passado nós não tínhamos o NAAPNE, a presença de profissionais pensando nessa questão, os próprios professores repensando suas maneiras de lecionar, o curso de Educação Inclusiva, o grupo de pesquisa dando voz a pessoa com deficiência, e etc.. Em suma, não tenho dúvida que há necessidade por parte da Universidade de buscar aperfeiçoamentos, no entanto, as mudanças ocorridas são bastante favoráveis e sinalizam uma preocupação crescente a respeito do tema inclusão.

REPÓRTER: LUCAS DIVINO

Meu nome é Elizabeth Oliveira, tenho 42 anos, sou economista, me sinto uma mulher privilegiada e feliz. Sou casada, e dizem que ele é deficiente visual, mas sinceramente nunca conheci alguém que pudesse ver tão bem todas as nuances deste pequeno mundo em que vivemos. Fazer parte do Consceg é para mim uma grande oportunidade de superar minhas inúmeras deficiências e fazer minha parte, como o passarinho que tenta apagar o incêndio da floresta carregando uma gota de água em seu bico, parando de apenas falar e agindo efetivamente para tornar nosso ambiente um lugar melhor para vivermos.

AS COTAS EM CONCURSOS PÚBLICOS INCLUEM OU EXCLUEM?

Atualmente é garantido por lei um sistema de cotas para pessoas com deficiência em concursos públicos, no qual uma porcentagem das vagas fica reservada às mesmas. As cotas podem ser vistas como uma forma de garantir a entrada de deficientes nestes concursos, mas também podem ser interpretadas como uma forma excludente e discriminatória. Citaremos como exemplo o concurso para Psicólogo do Tribunal de Justiça, onde há 16 vagas e uma delas fica reservada para pessoas com deficiência. Desta forma, será que se não existissem as cotas, as pessoas com deficiência também passariam nos concursos? Todas teriam condições iguais para concorrer às vagas? Especificamente os deficientes visuais seriam aprovados? Falamos especificamente a respeito dos deficientes visuais, pois sabemos que a maioria de nós tem uma grande defasagem de leitura e acesso a informação, pela ínfima quantidade de livros em Braille ou digitalizados que existem.

Agora para refletirmos: qual seria o sistema ideal? Continuarmos simplesmente com as cotas onde garantimos que uma porcentagem mínima de pessoas deficientes possam aceder ao mercado de trabalho, ou nos preocuparmos mais com a formação destas pessoas, dando a elas o direito, desde pequenas, a terem acesso a uma educação que seja realmente de qualidade para todos, a fim de que, em pouco tempo, possamos disputar as mesmas vagas em condições de igualdade de conhecimentos, dispensando assim, a segregação das cotas.

Priscila Branca Neves

COPIADORA DO PEDRO

Unidade João XXIII - Tel. 6161-4542

Encadernação normal e em capa dura
Impressão de Trabalhos e Transparências
Cópias com ampliação ou redução
E agora..... Alguns itens de papeleria para sua maior comodidade.

Mudamos só de local...o ótimo atendimento é o mesmo!

VOCÊ GOSTA DE BRIGADEIRO?

EU PREFIRO BEIJINHO!

PARA TODAS AS PREFERÊNCIAS, EXPERIMENTE OS MARAVILHOSOS BRIGADEIROS, BEIJINHOS, BICHOS DE PÉ E CASADINHOS DA CONFEITEIRA

BETE

ENCOMENDAS PARA FESTAS E LANCHONETES

LIGUE: 5594-8389 E DÊ MAIS SABOR AOS SEUS MOMENTOS

AS LÍNGUAS DE SINAIS SÃO INCLUSIVAS?

Recentemente foram veiculadas notícias que nada mais mascaram explicitamente o “Nacionalismo Surdo”: Os deficientes auditivos são uma nação à parte?; e Americanos planejam a primeira “cidade para surdos”, diz New York Times”, ambas em www.sentidos.com.br.

Em torno do que essas notícias giram e com elas seus defensores justificam a existência de uma “Cultura Surda”, com seu inescandível e fervoroso “Orgulho Surdo”? Nas línguas de sinais, quaisquer que sejam. Dizem que a língua de sinais é a língua natural dos surdos. Mas permitam-me questionar isso, porém não querendo com isso desmerecer as várias línguas de sinais no mundo inteiro, posto que eu um dia pretendo aprender uma. A pergunta maior que fica no ar é: será que as línguas de sinais são inclusivas?

Em primeiro lugar, não existe isso de uma língua de sinais ser a língua materna de todos os surdos ou pessoas com deficiência auditiva. Muito menos que ela seja “a língua natural dos surdos”. Se assim o fosse, então todos os surdos, incluído eu, teríamos essa língua como regra, o que não é verdade. Pensemos bem: por que razão falamos, escrevemos e pensamos em português e não em inglês, espanhol ou francês? O que nos fez ter o português como nossa língua materna não é o processo natural em si mas a sua aquisição cultural. Logo, língua alguma é natural, é aquisição cultural. O que é natural é a linguagem. Língua e linguagem são duas coisas completamente diferentes, isso os linguistas sabem muito bem.

Em segundo lugar, minha pergunta baseia-se muito mais fortemente em ver a surdez como uma questão sociológica, muito mais do que a simples questão de querer enxergar a surdez, segundo alega a corrente antropológico-cultural da surdez, como uma diferença.

Tenho observado, mesmo porque já trabalhei numa empresa de microeletrônica e, portanto, vi isso de perto em diversas oportunidades, que as mães de pessoas surdas não oralizadas são quem vai direto às empresas conversar com os chefes para pedir empregos para seus filhos surdos, o que assinala, a meu ver, a dependência familiar, mesmo quando se trata da vida profissional. Assim, as mães também participam como “atrizes sociais” desse processo. Essa questão é bem delicada e tem a ver com o fato do surdo não dominar a língua portuguesa oral e escrita, ficando mais restrito à língua de sinais.

Tenho também observado que a questão da escrita nestes casos tem sido um impedimento para a inserção no mercado de trabalho desses surdos, já que estes muitas vezes não a dominam também. No entanto noto que as empresas estão, na sua grande maioria, desenvolvendo cursos de Libras (língua brasileira de sinais) para facilitar a comunicação entre os empregados ouvintes e surdos, partindo de uma visão equivocada sobre as pessoas surdas.

Tenho observado também que os surdos oralizados são os que mais êxito obtém na vida, inclusive profissional e social, embora problemas ainda existam. Os cegos há muito descobriram que saber o Braille não lhes garante um futuro profissional. Da mesma forma, os surdos saberem só língua de sinais não lhes garante

isso, visto que não se podem obrigar as empresas a possuírem transcritores para Braille, muito menos forçá-las a adotar a Libras. Ora, se o cego não pode ler o que se escreve a ele e os demais não podem entender o que ele escreveu, resta-lhe o mais baixo dos mais baixos níveis de trabalhos manuais, o que dirão dos surdos?

Imagine agora que os surdos conquistem o que estão pretendendo. Sua escrita não poderá ser corrigida e, por esse motivo, ele não poderá ser reprovado. Então, quando ele se empregar, não saberá ler o que se escreve a ele, bem como ninguém entenderá o que ele escreveu. O resultado é que, perante a sociedade ouvinte que os Surdos (em “s” maiúsculo como eles fazem tanta questão, claro) tanto “repudiam”, eles serão analfabetos e, mesmo com política de cotas, será difícil empregá-los. Pior do que isso, eles pleiteiam que os pais tenham suas ausências para aprender Libras remuneradas pelo empregador, como se os pais que fossem aprender Libras ou o Braille pudessem abandonar o trabalho para isso. O resultado é que vão estender a discriminação a eles também, visto que não somente os surdos custaram mais caro, como também os familiares.

O que precisamos discutir é que modelo de inclusão queremos, visto que os Surdos querem a “apartheid”.

Eu poderia até ponderar que os argumentos desses Surdos fossem válidos se eles não passassem de sofismas. Por exemplo, o argumento de que, se o piano estiver longe do pianista, fica impossível tocá-lo, é extremamente válido mas não justifica puxar o piano ao invés de se empurrar o banquinho do pianista. O que eles querem é que a sociedade curve-se perante as particularidades dos surdos e

que ela aceite que eles são uma subespécie da raça humana, cuja sociedade permeia a nossa. E permear não tem nada a ver com incluir. O que estou dizendo é que, não importando se o surdo se comunica em língua de sinais ou é oralizado, ele precisa conviver na mesma sociedade que eu ou você. Terá que assinar contratos de aluguel, ler instruções de equipamentos eletrônicos, procurar ruas nos guias e tudo o que uma pessoa comum tem que fazer para incluir-se no meio maior. Resumindo, é evidente, claro e cristalino que eu entendo que os surdos tenham dificuldades adicionais, caso contrário, a surdez não seria uma deficiência. Isso, no entanto, não implica em que os surdos não aprendam o idioma de seu país porque, independentemente da vontade do indivíduo, ou mesmo do grupo, é o idioma que rege as relações sociais em nosso país e o surdo que não o dominar corre sério risco de exclusão em diversos setores da sociedade.

Para terminar, quero alertar para a existência de um

sutil apartheid entre os surdos e o resto da sociedade. Achar que resolver todos os problemas simplesmente aceitando que os surdos são diferentes do resto da sociedade como argumento é deveras sedutor, é o fim da picada, é a transcrição do “paz e amor” com anos de atraso. A questão não é o surdo ou o ouvinte, o cego ou o vidente, o cadeirante ou a pessoa que anda normalmente. A questão é a distorção do entendimento da inclusão e da guetificação. Se divergimos sobre o que é inclusão, como é que poderemos lutar por ela? Se incluir é respeitar as diferenças e manter cada um em um grupo fechado, então deveremos tomar um caminho. Por outro lado, se incluir é, respeitando-se as diferenças, criar meios de convivência, então o caminho deverá ser outro. Mesmo no mundo do trabalho. Nunca se esqueçam - nunca mesmo - de que o argumento da África do Sul para implantar o apartheid foi justamente o de que os negros eram diferentes dos brancos e que, respeitando-se as diferenças, o desenvolvimento deveria ocorrer paralelamente e não em conjunto. Assim, qualquer semelhança entre esses casos reais terá sido mera coincidência.

Anahi Guedes de Mello, acadêmica de Química da Universidade Federal de Santa Catarina, pessoa com deficiência auditiva, usuária de implante coclear, membro-sócia da associação “Sociedade de Surdos de São José”, em São José/SC, membro - presidente do Centro de Vida Independente de Florianópolis (CVI-Floripa).

**Agradecemos
o apoio
da Vivo Solidário
na impressão
braille deste jornal**



Nossos anunciantes apóiam esse projeto –

PROCURANDO NEMO!!!

Olá Universidade São Marcos, tudo bem? Muito prazer em conhecê-la, esperamos que sinta o mesmo a nosso respeito. Bem, somos os alunos cegos que circulamos por aqui, ou melhor, circulamos não, estamos matriculados aqui, estudamos aqui, sonhamos aqui e temos a intenção de um dia sairmos “bem formados” daqui de dentro.

Pois bem, essa mensagem é apenas para nos apresentar, pois afinal, já não é a primeira vez que percebemos algumas pessoas correndo de lá para cá, a busca de informações a respeito de quem somos, quantos somos e onde estamos. Puxa vida! Que dificuldade!

Como notamos que a Universidade parece ainda não saber, estamos facilitando as coisas a partir de agora. Por isso pedimos que recortem essa mensagem e deixem com alguém de confiança, pois não sabemos quando poderemos divulgá-la novamente. Então vamos lá.

Nós, os cegos da Universidade São Marcos, estamos distribuídos da seguinte maneira.

Na área de graduação de Psicologia:

Três no campus João XXIII, sendo duas alunas no primeiro semestre e 1 aluno no sétimo semestre.

Dois no campus Tatuapé, sendo uma aluna no terceiro semestre e uma aluna no quarto semestre.

Na área de graduação de Direito:

Um aluno no campus Sagrada Família, nono semestre.

Na área de graduação de Sistemas e Informática:

Um aluno no campus Central, primeiro semestre.

Na área de Pós-graduação:

Uma aluna no curso de Educação Inclusiva, no campus Santa Paulina.

Totalizamos assim, uma população, somente aqui em São Paulo Capital, de oito alunos com deficiência visual.

Infelizmente não podemos informar-lhes quantos cegos como nós, estudam no campus Paulinea. Sabemos apenas que eles existem e podemos garantir que já solicitamos, inúmeras vezes, a intermediação da Universidade para contactá-los, a fim de sabermos como está a situação da inclusão e acessibilidade por lá.

Bem, mas dúvidas a parte, nossa obrigação estamos fazendo aqui e agora, isto é, informando, mais uma vez, quem somos nós. Apenas uma última informação... Alguns de nós tem bolsas de estudos, algumas integrais, outras parciais e um de nossos amigos, paga integralmente seu curso, pois trabalha como estagiário no NAAPNE, em período integral.

Para finalizar, quem sabe a partir de agora, nós nunca mais nos deparemos com listas sendo feitas a todo o momento, correndo de mão em mão. Isso deixa uma impressão muito triste na gente sabe? Como se não fossemos importantes a ponto de nem mesmo sermos catalogados corretamente. Ficamos com a impressão de sermos feitos de palhaços, isto é, peixe palhaço... GLUB, GLUB.

NAZIBERTO LOPES.

Meu nome é Lucas Divino de Souza, tenho 23 anos e estou cursando o 9º. semestre de Direito na Universidade São Marcos.

Faço parte do Consceg há mais de um ano pelos seguintes motivos:

Acreditar que sempre devemos buscar transformar uma realidade, sobretudo, se esta não nos oferece condições de atingirmos nossos ideais, assim como todos;

Por sempre querer transformar meus sonhos e ideais em uma realidade, sobretudo, quando eles têm como objetivo principal mostrar à sociedade que deficientes ou não, temos amplas condições de produzir e dividir nossos conhecimentos com todos;

Por fim, por acreditar no potencial de luta de meus companheiros e na qualidade da Universidade em que estudo, que já está caminhando no sentido de se tornar cada vez mais inclusiva, pois tenho certeza que é uma instituição séria e conceituada, e, portanto, não medirá esforços para juntos realizarmos a inclusão tão sonhada, porém, que precisa ser aperfeiçoada.

Meu nome é Ana Paula de Souza Santana, nascida em 14/09/78. Sou deficiente visual e cursei o ensino fundamental no Instituto de cegos Padre Chico, e o ensino médio na escola estadual Caetano de Campos. Prestei vestibular para fisioterapia na Universidade São Marcos, no entanto, devido à conversa que tive com o coordenador desse curso, fiquei ciente que a Universidade ainda não tem preparo para formar um fisioterapeuta deficiente visual. Sendo assim, vou cursar pedagogia, mas não desistirei do sonho de ser fisioterapeuta um dia. Estou no CONSCEG porque acredito que a discussão das idéias é que vão nos dar a plena consciência de nossos direitos e deveres, proporcionando também, que a Universidade conheça melhor nossa diversidade e possa acolhê-la de forma mais justa.



O encontro perfeito

....

entre o estudante que rala... e a breja que rola

Rua Gama Lobo nr. 696

Fone: 272-3842

APRESENTAMOS O CONSEG

CONSCEG é uma sigla que significa “ **Conselho de Alunos Cegos e Amigos na Universidade**”.

Criado na São Marcos em fevereiro de 2004 por iniciativa de um grupo de alunos com deficiência visual dos cursos de Psicologia e Direito, com o objetivo de buscar soluções para seus problemas de acessibilidade na Universidade.

Tudo começou com a falta generalizada de material de apoio (biblioteca principalmente) em formato adaptado às necessidades desses alunos, assim como as dificuldades encontradas nos períodos de avaliação, para ambas as partes: aluno e professor.

Embora formado com o objetivo primeiro de reunir alunos com deficiência visual, o **CONSCEG** procura agregar pessoas com outros tipos de deficiências, física, mental ou sensorial, a fim de ampliar seus debates, além disso, conta com a participação de pessoas sem deficiências dessa ordem, mas que reconheceram a legitimidade das causas defendidas.

Desde sua criação, este Conselho vem proporcionando, não só aos seus participantes como a toda a comunidade acadêmica da Universidade São Marcos, um amplo debate e uma reflexão ordenada a respeito dos problemas de acessibilidade e inclusão de pessoas com necessidades especiais no ensino superior.

O grupo fundador vem mantendo uma postura ativa, de luta constante pelas suas reivindicações e seus objetivos, e através das práticas e dificuldades cotidianas vem oferecendo à Instituição, e particularmente aos professores, sugestões, idéias e propostas para minimizar suas dificuldades.

Por meio de encontros mensais, troca de experiências e vivências pessoais, temas como estigmas do deficiente, preconceitos e ignorância sobre o assunto deficiência, têm sido discutidos abertamente, ampliando as formas de interagir entre os grupos.

O **CONSCEG** se reúne no Campus São Paulo, Unidade João XXIII da Universidade São Marcos, situada na Rua Clóvis Bueno de Azevedo No.176, no bairro do Ipiranga (sempre no terceiro Sábado de cada mês). Estas reuniões são abertas ao público, podendo receber a participação de qualquer pessoa, como colaborador, como voluntário ou por simples curiosidade.

Devido a essas reuniões, discussões, a essa postura crítica e reflexiva do grupo e a conscientização dos administradores da Universidade São Marcos, foi inaugurado, no dia 15 de Setembro de 2004, um núcleo específico de planejamento e execução de serviços voltados ao público deficiente como um todo. O núcleo recebeu o nome de NAAPNE – Núcleo de Apoio ao Aluno Portador de Necessidades Especiais. Esse espaço é apenas o começo de uma transformação no ambiente acadêmico que deseja se tornar acessível e acolhedor... Esperamos que isso seja verdade.

CONSCEGUINDO TRANSFORMAR A SÃO MARCOS

Vivemos um estado de apatia na sociedade brasileira, que se reflete em nossa Universidade, sociedade que converteu cidadãos em meros consumidores, os direitos são transformados em favores e continuamos silenciados diante das inúmeras injustiças de nosso mundo.

E nesse cenário o ensino privado fortalece esse modelo, priorizando a educação como mera produtora de mão-de-obra qualificada, não enquanto geradora de conhecimento autônomo, colocando-se assim, a universidade totalmente a serviço dos ditames do mercado e dos interesses privados. Desse modo, perdemos a crítica, a solidariedade e a cidadania como pilares fundamentais de uma educação emancipadora e reafirmamos um sistema que produz uma forma homogênea de ser no mundo, oprimindo e aniquilando a heterogeneidade, o diferente. Se a intenção deste jornal foi promover a discussão e chamar a atenção para a questão da acessibilidade, é possível afirmar que o CONSCEG está conseguindo. Expressou com responsabilidade as debilidades da São Marcos no que se refere ao respeito às diferenças, diferenças essas que enfrentam problemas duplicados por aqui. O CONSCEG busca a afirmação de novos valores, da superação dos preconceitos e da produção de conhecimento comprometido com a transformação das desigualdades e o respeito às singularidades. É uma luta justa, que reivindica uma conduta ética de nossa instituição, assegurando condições adequadas (e não iguais) para uma educação de qualidade para todos, inclusive todos aqueles que necessitam de condições específicas. Para isso é mais do que urgente uma mudança de paradigma em nossa Universidade, que estabeleça espaços democráticos de decisão com a participação de estudantes, funcionários e professores e que afirme uma educação comprometida com transformações radicais em nossa sociedade.

Gabriel Medina de Toledo

Presidente do DCE José Corrêa

MÃE

Mãe, como podemos expressar o nosso carinho por você. Mãe de todas as horas e de todos os minutos de nosso viver. Por isso mãe, não é só aquela que põe um filho no mundo, mãe é muito mais do que isso, sabe por quê? Por que mãe de verdade é aquela que acolhe, que nos orienta nos momentos mais difíceis. Mãe é aquela que distribui todo o seu amor e carinho nos envolvendo no seu manto materno. Mãe é aquela que não se cansa de nos mostrar no que muitas vezes deslizamos, assim como se preocupa em também mostrar os seus deslizes, pois sabe que ninguém é perfeito, logo pode errar e acertar como todos nós. A melhor mãe não é aquela que se faz perfeita, e sim aquela que dá o melhor de si, na medida do possível de acordo com a nossa necessidade e a sua possibilidade, pois sabe que ser mãe não é função de algumas horas, mas que se desenvolve ao longo da vida. Mãe é aquela que aceita suas limitações, pois tem consciência de que nós também a temos. É aquela que acredita que temos muito potencial a se desenvolver, que podemos ser o melhor se dermos o melhor de nós, nos ajudando nesta importante tarefa. Mãe é aquela que nos educa para o mundo, não só para si, pois sabe que temos que aprender a caminhar com as nossas próprias pernas. Mãe também é muito mais do que aqui escrevo...

Mãe, mãe mesmo é para sempre, não para algumas horas, pois todas ficam guardadinhas em nossos corações, impressas em nossas lembranças quando lembradas, e como devemos relembrá-las sempre, pois com certeza iremos ascender à chama do amor, envolvendo corações em um só coração entre mãe e filho, ao longo da eternidade, por isso Feliz Dias das Mães porque mãe não tem só um dia a ser comemorado e sim uma vida inteira!

Fernanda Arruda



DESTAQUE DA EDIÇÃO

É com muita satisfação e alegria que queremos homenagear o CFP (Conselho Federal de Psicologia) e os CRPs (Conselhos Regionais de Psicologia) pela atitude inclusiva e preocupada com o direito à informação para todos.

No dia 14 de abril de 2005 a psicóloga Priscila Branca Neves, deficiente visual e Participante do CONSCEG (Conselho de Alunos Cegos e Amigos na Universidade), foi convidada para representar os psicólogos cegos do estado de São Paulo no CRP, que acabara de lançar o jornal do Conselho Federal de Psicologia, pela primeira vez com cópias em braille. Neste mesmo dia, foi instituído, também pelos Conselhos de Psicologia, o dia nacional de luta pela educação inclusiva.

Atitudes como estas merecem todo o respeito, incentivo e divulgação para que os Conselhos de outras profissões ou instituições tomem atitudes semelhantes, pois com este tipo de iniciativa todos só têm a ganhar. Parabéns Conselhos de Psicologia! Queremos que saibam que nós do CONSCEG estamos do lado de quem tem atitudes, como estas, tão inclusivas e preocupadas com o futuro melhor e mais justo para todos.

CONSCEG

**Agradecemos
o apoio
da Vivo Solidário
na impressão
braille deste jornal**



**Restaurante
Churrascaria
Pizzaria**

**Rua Padre Marchetti, 282
Ipiranga - São Paulo**



**274-7858
272-6804**

Nossos anunciantes apóiam esse projeto –

Na Universidade São Marcos, os alunos deficientes visuais usam de muita criatividade para se localizarem dentro dos prédios...

As alegações da Universidade para a falta de sinalização própria para pessoas com deficiência visual dentro de seus prédios são as mais variadas possíveis. Vão desde o fato do tombamento dos prédios pelo CONDEPATH, até os altos custos de determinadas adaptações. O tombamento histórico é a característica do Campi João XXIII. Entretanto, o campi Tatuapé, um dos mais novos, não tem essa limitação, mas mesmo assim é totalmente inacessível para uma pessoa deficiente visual, sendo possível o acesso apenas por intermédio de seguranças que carregam os deficientes na entrada e na saídas das aulas.

A aluna de Psicologia Jucilene Braga, que estuda no campi Tatuapé, comenta: “*Só consigo ir sozinha até o bebedouro e banheiro, caso queira ir tomar um café ou então à biblioteca, esqueça, só com ajuda de outros mesmo*”.

Para demonstrar que com um pouco de boa vontade e muita criatividade, alguns desses problemas podem ser amenizados, o CONSCEG providenciou um “**GUIA ISOPORTÁTIL**”, apelido carinhoso que foi dado à maquete pelos membros do grupo.

Trata-se de uma maquete feita em grande parte de isopor. Ela foi construída para auxiliar duas alunas que começaram o curso de Psicologia nesse ano. “*O objetivo foi proporcionar uma visão global miniaturizada do espaço por onde elas iriam transitar*”, comenta o idealizador e construtor da maquete, Naziberto Lopes, aluno deficiente visual do curso de Psicologia da própria Universidade. A maquete foi feita tomando como base o piso térreo do Campi João XXIII. O aluno Naziberto Lopes descreve como ele foi elaborado. “*Utilizei duas placas de isopor, uma folha de papel cartão, cerca de 40 caixas de fósforo vazias, fita de rotuladora para braille, uma esponja “scoth brite” usada, tiras de papelão liso e ondulado, uma folha de papel camurça, cola, um tubo de caneta vazio, tinta guache, muita criatividade e vontade de ajudar os meus colegas*”.

O autor diz que gastou mais ou menos 4 horas em sua montagem, contando com a ajuda de seu assistente Luis Paredes, e o custo foi de R\$ 15,00. Ele foi construído em Dezembro de 2004 e após ter sido utilizado pelas alunas acima, será utilizado pela aluna aprovada em Fisioterapia, Ana Paula, que começará o curso de Pedagogia* no semestre que vem.

A Psicóloga deficiente visual e aluna de pós-graduação em Educação Inclusiva, Priscila Neves, que conhece o campi, pois circula há mais de cinco anos por ele, tateou a maquete e fez os seguintes comentários: “*Achei super interessante, está muito bem feita, com materiais muito simples e baratos. Gostaria de ter uma maquete da cidade de São Paulo inteira para saber como ela é*”. Ana Paula, também fez um pequeno reconhecimento na maquete e fez as seguintes observações: “*Acho importante que exista uma coisa assim, entretanto, o deficiente precisa interagir muito com ela para ter uma melhor noção. Gostaria de ter uma maquete como essa do campi*

GUIA ISOPORTÁTIL



Priscila e Ana Paula reconhecendo o guia

Foto: Elisabeth Marinho

Santa Paulinea, no próximo semestre, pois vou estudar lá”. O idealizador da maquete ainda não tem certeza sobre a real compreensão da mesma, por parte de uma pessoa deficiente visual congênita, mas pretende averiguar isso durante os reconhecimentos da aluna Ana Paula. Naziberto diz: “*Precisamos aguardar a interação da Ana Paula com a maquete e também e com o ambiente, e verificar se as suas noções de espacialidade e tridimensionalidade serão melhor desenvolvidas, apesar dela nunca ter enxergado antes. Na verdade não estava preocupado com escalas ou proporções, afinal, não sou engenheiro ou arquiteto, quis apenas ser solidário e mostrar onde estavam as coisas por aqui*”. Ele explica ainda que depois das reformas iniciadas pela Universidade, alguns pontos de sua maquete estão desatualizados, como os antigos locais da lanchonete, salas de Fisioterapia e copiadora, porém o básico ainda está presente, por exemplo, a biblioteca, a sala dos professores, os balcões de informação, os banheiros, sala de Psicologia Experimental, a sala da coordenação de Psicologia, rampas, corredores, entre outros elementos e locais importantes.

“*Ao entrar aqui, há quatro anos, tive muito medo de tudo, do gigantismo da construção, de ficar perdido e etc., minha mãe precisou ficar circulando comigo por alguns dias para que eu memorizasse o prédio, por isso, pensei em proporcionar uma chegada mais agradável aos meus colegas de deficiência. Outro dia arrancaram*

uma fita que colei no chão para me orientar no corredor central... acharam que a cerâmica francesa ficou danificada”, finaliza Naziberto, deixando claro que apenas a maquete não tem nenhuma utilidade, caso não existam referências concretas nos ambientes, como uma pista tátil e placas braille, por exemplo.

(* Ana Paula não vai poder cursar Fisioterapia, porque foi avisada pela Universidade que a mesma não teria condições de supri-la em suas necessidades específicas.

CONSCEG

PARABÉNS AO PESSOAL DO NOVO C. A. DE PSICOLOGIA!

Nós do CONSCEG queremos cumprimentar a todo pessoal do novo Centro Acadêmico de Psicologia, recém eleito na Universidade São Marcos. Parabenizamos a todos, na pessoa da querida Tatiana, presidente eleita, e desejamos todo sucesso nessa nova etapa de trabalho na vida de todos. Sabemos bem dos compromissos e responsabilidades que a equipe assumiu ao se predispor a gerir o Centro Acadêmico. Dar vez e voz ao estudante de Psicologia e muito mais que isso, representá-lo diante de toda Universidade não será tarefa fácil, entretanto, conhecendo os talentos e a capacidade do pessoal que acaba de assumir, temos total confiança em dizer que será uma administração competente, participativa, batalhadora e sem dúvida alguma, extremamente bem sucedida. Por isso, desejamos sorte e sucesso a todos e nos colocamos a disposição para ajudar no que for preciso. Queremos que saibam que o espaço de vocês está reservado nesse jornal, assim como sabemos ter o nosso no jornal de vocês que está no forno. Nosso trabalho é muito importante, cada qual dentro de seus propósitos, porém, com um pensamento comum, ou seja, preocupados com uma melhor qualidade de ensino em geral. Temos a convicção de ser importantíssimo e salutar para a nossa prezada Instituição de Ensino que é a Universidade São Marcos esse tipo de movimento e participação estudantil.

Um grande abraço e mais uma vez parabéns a todos! CONSCEG.

PONTO DE TAXI SALA VIP FONE: 6591-0361

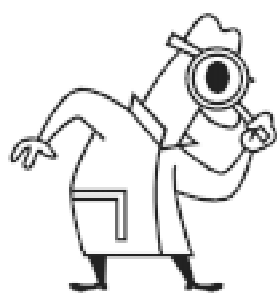
Não cobramos taxa de chamada

Atendemos todos os dias

das 6:00 às 22:00

Agendamos atendimento com hora marcada

Carros com ar condicionado



DE OLHO NO NAAPNE

Nesse espaço, Continuamos a insistir na importância fundamental dos textos braille para os alunos cegos que dependem dessa forma de leitura. Mesmo que alguns textos sejam digitalizados, eles não podem ser utilizados em sala de aula, a não ser que o aluno cego tenha um notebook adaptado, fato raríssimo.

Sendo assim, esses alunos cegos precisam dos textos braille assim como os alunos não cegos precisam de seus cadernos e apostilas. Como já dissemos antes, os textos digitalizados estão sendo produzidos de forma satisfatória, mas sem o braille, os alunos continuam perdidos e atrasados em sala de aula, dependendo da boa vontade dos amigos para leituras e consultas rápidas. Assim sendo, colocamos abaixo uma estatística para comprovarmos a extrema morosidade na preparação de textos braille no NAAPNE, núcleo que foi criado também para isso.

Para a aluna Priscila Neves:

Iniciou o curso de Educação Inclusiva no dia 14/02/2005.

Teve a disciplina de Teorias de Desenvolvimento de Aprendizagem, que durou do dia 14/3 até 18/4. Nela foram cobrados 14 textos, dos quais recebeu apenas 8 em braille, na metade do curso e mais nada, até o fechamento dessa matéria.

Teve a disciplina de Fundamentos de Educação Inclusiva que durou do dia 16/2 até o dia 30/3. Nessa disciplina foram cobrados 16 textos básicos, dos quais não recebeu nenhum em braille. Recebeu dois livros em braille, apenas no dia 20/4, vinte dias após o término da disciplina, mas que não foram utilizados pela professora, pois eram apenas sugeridos como leitura complementar. (obs. Esses livros já estavam digitalizados há mais de um ano, produzidos pelo aluno Naziberto Lopes e doados à USM).

Teve a disciplina de Aspectos Psicológicos da Inclusão que durou do dia 06/4 até 27/4. Foram cobrados 11 textos, dos quais não recebeu nenhum em braille.

Para o aluno Lucas Divino:

Afirma que recebeu todos os textos em braille solicitados, porém não foram observados os limites dos mesmos. Eles foram impressos todos juntos, numa mesma seqüência, como se fossem uma coisa só. Não foi observada a separação dos capítulos, o que primeiro nos revela uma falta de cuidado e segundo torna a leitura muito demorada e difícil, no entanto, foi prometido a ele que esse problema não voltará a acontecer.

Para o aluno Édi Carlos:

Os materiais braille ainda são inexistentes, entre eles os textos de lógica, que precisam ser transcritos em braille para a melhor compreensão do aluno.

Para a aluna Rita de Cássia:

Até agora nada lhe foi entregue em braille, está tentando se virar com os textos digitalizados, porém já se cansou de procurar o NAAPNE, que fica no campi João XXIII, uma vez que estuda no campi Tatuapé, para sempre receber a mesma resposta, ou seja, "não temos nada ainda para você".

Voltamos a informar que os textos digitalizados que foram produzidos são interessantes, porém para uma leitura posterior ou consulta para trabalhos em casa, isso quando o deficiente tem um computador em sua casa, o que não acontece frequentemente. Sendo necessário o uso dos computadores da Universidade, que ficam indisponíveis aos finais de semana e feriados.

CONSCEG

MÉDICO TAMBÉM É GENTE

Sou uma titia solteirona de 55 anos, médica, com especialização em Medicina Intensiva, formada há 31 anos pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Fundei e trabalhei como diretora em algumas UTI s de hospitais públicos e particulares de São Paulo, por vários anos. Atualmente, sou a Presidente da Comissão de Ética Médica do Hospital Ipiranga, um hospital-escola, gerenciado pelo Estado de São Paulo. Fui admitida no serviço público através de concurso público federal, prestado em 1976, no qual fui aprovada, como médica Intensivista, em 2º lugar.

Apesar das inúmeras incumbências como profissional da saúde, em minha vida cotidiana, faço muitas coisas para me divertir: por exemplo, ler, assistir a um bom filme, um passeio agradável, receber amigos, sentar a uma mesa e curtir uma refeição diferente, como uma boa gourmet que sou.

Quanto a leitura, leio qualquer livro; desde que seja bom, não tenho um gênero predileto. Quero um livro que me divirta, mas, seja bem escrito, enfim, um bom livro. Entre aqueles que eu recomendaria a um amigo estão: Ana Karenina, de Leon Tolstoi, O nome da Rosa, de Umberto Eco e O tempo e o vento e O Sr. embaixador, de Erico veríssimo.

Me considero uma pessoa que zela pela qualidade de vida, pois no meu entender, qualidade de vida é Respeito pelos deveres e direitos de cada um, segurança, saúde, conforto, lazer, enfim, tudo o que é bom. Em compensação, morro de medo de baratas e altura! Só de pensar, me arrepio toda!

Preciso confessar aqui, que apesar de solteirona, tenho um caso de amor explícito, ele se chama Aschley, me acompanha para todos os lados, e por ser mais novo do que eu, sempre chega chamando a atenção de todas. Mas tudo bem, mesmo assim, eu o amo de paixão, não me critiquem por favor... São coisas do coração!

Maria Regina Melchert de Carvalho e Silva, pessoa com deficiência visual.

O Aschley é o seu cão guia, ele é um Golden Retriever e tem 5 anos.

“OLHAR”

Olhar com os olhos será esta a única forma de olhar?

Ora, será que o olhar se limita ao funcionamento físico da visão?

Talvez existam outras formas de se olhar, cujo sentido literal “de ver com os olhos” ganhe um novo sentido, mas dependerá daquele que vê:

Não somente com os olhos físicos: predominantemente funcionais, mas com os olhos da alma humana. Mas então o que seria os olhos da alma humana? Seria aquele que consegue enxergar com:

O olhar do amor
O olhar do coração
O olhar das emoções
O olhar dos sentimentos
O olhar da sensibilidade e assim, poder ver:

Com os olhos do olfato
Com os olhos do tato
Com os olhos do paladar
Com os olhos das sensações do meio que nos envolve á todo momento
Com os olhos do calor humano quando duas ou mais pessoas se aproximam
Com um olhar sem preconceitos

Enfim, com o propósito de se permitir olhar superando barreiras, limitações, obstáculos e assim, ampliarmos para um olhar além, ou seja: olhar o que transcende as aparências, em uma viagem para descobrirmos o que está oculto, escondido diante de nossos olhos nus...

Este é o olhar da alma; o olhar que vai de encontro com o diferente com a deficiência, com o ser humano com o intuito de encontrarmos no âmago da nossa psique com as profundezas da alma humana indo ao encontro com o outro ser humano que tivermos a oportunidade de conhecer neste caminho que circunscreve a trajetória da vida.

Fernanda Arruda

Lisboa
IMPORTADOS

- BEBIDAS E ALIMENTOS
- NACIONAIS E IMPORTADOS
- TABACARIA
- CACHACARIA
- FRIOS E LATICÍNIOS

Praça Silvio Romero, 126 Tatuapé - SP
Tel. 11 6197-4888 / 6197-3849
Email: lisboa@lbebidas.com.br

Nossos anunciantes apóiam esse projeto –

AS FARCS NA ACADEMIA... SALVE-SE QUEM PUDER!

Depois de tanta repercussão negativa e mal-estar dentre o corpo docente e administrativo da Universidade São Marcos, diante de nosso primeiro editorial, pensamos... pensamos e chegamos a conclusão que realmente estamos errados. Por isso viemos nessa segunda edição nos retratar e confessar nossa culpa.

Acontece que nós, deficientes visuais da Universidade São Marcos, na verdade, somos todos guerrilheiros das "FARCS" – Forças Armadas Revolucionárias da Cegolândia. Uma vez que percebemos a impossibilidade de mantermos nossas identidades secretas, vamos assumi-las de público e esperar o perdão da sociedade acadêmica para nossos crimes. E quantos crimes!

Somos guerrilheiros dentro do espaço acadêmico, e isso vem de berço. Apenas posicionando os prezados amigos estudantes, que esperamos sejam os nossos advogados de defesa nessa causa, fazemos aqui uma rápida retrospectiva de nossas histórias de vidas bandidas.

Nós, bebês das FARCS ao chegarmos nesse Mundo, não levamos tapinhas nos bumbuns, dados pelos obstetras para chorar, mas sim, socamos os obstetras que nos trazem a luz, pobres obstetras!

Também não nascemos banguelas como os bebês normais, mas sim, com boquinhos recheados de dentes afiados, por isso, não mamamos, mas sim, devoramos os peitos de nossas mães, pobres mães!

Aos 5 anos de idade, não vamos às escolas brincar com os amiguinhos, mas sim, vamos para as selvas aprendermos a fazer armadilhas mortais para os amiguinhos, pobres amiguinhos!

Chegando na adolescência, não namoramos, mas sim, enviamos cartas-bombas para explodir nossos possíveis pretendentes, pobres pretendentes!

Chegando então, os rituais de passagem para a vida adulta na Universidade, e neles temos que fazer três perguntas básicas aos adultos que são: "Por que é assim?", "Para que é assim?" e "Pode ser diferente?".

Entretanto, elas não nos são respondidas, e olha que perguntamos a pessoas muito inteligentes! Afinal são da academia. Porém, essas pessoas inteligentes dizem que não conversam com guerrilheiros. Eles dizem que não suportam tanta agressividade. Que pena! Sendo assim, ficamos nós, guerrilheiros da Cegolândia, sem resposta, perdidos para sempre e circulando pelas sombras da Universidade, Sem qualquer pretexto, descolados de qualquer contexto e sem razão de qualquer protesto. Nossa violência e agressividade são genéticas, e isso não tem nada a ver com a nossa realidade histórica dentro da Universidade, definitivamente não!

Portanto, cuidado vocês que cruzarem nossos caminhos. Somos impiedosos! Saibam que nossas bengalas, na verdade são lança mísseis israelenses, nossas máquinas braile são bombas-relógio xiitas, e por trás de nossa aparente fragilidade, escondem-se terroristas da All Cegáida! Realmente não somos normais, precisamos de tratamento urgente!

Agora o que é mais terrível e mais desanimador para nós do CONSCEG, é o fato de que por mais que tudo que acabamos de dizer, seja apenas uma tremenda ironia, sabemos que é nisso que realmente acreditam, algumas pessoas da São Marcos. Que lástima! *CONSCEG.*

**JORNAL
ACESSÍVEL
EM FORMATO
IMPRESSO
BRAILE
DIGITAL**

A TEORIA E A PRÁTICA

As duas têm uma grande importância. É muito proveitoso teorizar sobre um determinado assunto, assim como é interessante utilizar nossos conhecimentos na prática. Mas em muitos momentos de nossas vidas, a teoria encontra-se diretamente relacionada com a prática e nessas horas precisamos tomar cuidado para não esquecermos nem de uma e nem da outra.

A teoria sozinha não faz nada, não muda nada, ou seja, não age e não sai do papel. Ela é muito útil, porém não adianta discutirmos, pensarmos, escrevermos e não colocarmos as nossas idéias em ação. Assim como não podemos entrar em ação sem pensar e discutir anteriormente.

Esta reflexão é válida, não só para Psicologia, mas para outras áreas como Medicina, Veterinária, entre outras...

É necessário pensarmos em nossos objetivos, nos preocuparmos para realizar nossas tarefas da melhor forma possível, e nunca esquecermos que estamos construindo algo, não para colocarmos no papel e deixar "mofando" em uma velha gaveta, mas sim para atingirmos um objetivo muito maior que é poder contribuir de alguma forma para a melhoria de vida dos seres humanos.



BOLA FORA

Narramos aqui a Odisséia que o aluno de Sistemas da Informação, Édi Carlos, precisou fazer para conseguir ler algumas apostilas da disciplina de Lógica. Primeiramente informamos que ele providenciou a cópia de cinco apostilas que somavam no total aproximadamente oitenta folhas, necessárias para o acompanhamento da disciplina. O interessante é que essas apostilas estavam manuscritas, ou seja, a pior das piores maneiras para uma pessoa deficiente visual, afinal, esse formato não permite absolutamente nenhum tipo de conversão automática, visto que os "scanners" não reconhecem a letra manuscrita e nada podem fazer para ajudar.

Pois bem, procurando o professor da disciplina (que a Universidade diz orientar) e apresentando-lhe o problema, o aluno Édi Carlos recebeu a informação do mesmo, que o assunto já havia sido levado até a coordenação. Procurando então a coordenação, foi avisado que as devidas providências já estavam sendo tomadas, e que ele deveria pedir no NAAPNE, a transcrição do livro para o braile, e para isso os livros do curso já haviam sido digitalizados com antecedência. Perguntamos: Se os livros já estivessem realmente digitalizados com antecedência, será que o aluno teria precisado copiar as apostilas manuscritas???

Bem, o próprio aluno acabou solucionando o problema, pois comentando o fato a uma colega de sala, Claudinéia Freire, aliás, que aproveitamos para parabenizar pelo seu bonito gesto – parabéns Claudinéia, esta se prontificou imediatamente a ajudá-lo, e digitou todas as apostilas para o amigo. Ajuda essa que foi fundamental e possibilitou que o aluno deficiente visual fosse incluído nessa disciplina do curso que frequenta.

Para finalizar, informamos que até o encerramento deste jornal, os materiais impressos em braile, não haviam sido entregues ao aluno e que eles são extremamente necessários, pois esse tipo de matéria requer concretamente a forma braile para ser compreensível.

Infelizmente não temos outra saída a não ser considerarmos essa, mais uma bola fora da Universidade. Que pena!

CONSCEG



Auto Escola Silvio Romero
PREÇO ESPECIAL PARA ESTUDANTES,
PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA UNIVERSIDADE
SÃO MARCOS E LEITORES DESTA JORNAL

Curso Completo: 5 X R\$ 96,00
Traga este anúncio e ganhe 2 aulas grátis

TELS: 295-8785 / 6197-2902
Praça Silvio Romero, 258 - Tatuapé

NÃO QUERO MAIS SER SÍNDROME DE DOWN

Como diz o ditado popular: “mãe é tudo igual, só muda o endereço”. Pena que algumas precisam se esforçar mais, para provarem que são comuns, devido a preconceito de muitos. O artigo abaixo traz apenas o exemplo de uma mãe comum.

- “*Eu não quero mais ser síndrome de Down.*”

Com essa frase um de meus adolescentes começou a consulta. Atrás dele, a mãe, também médica, com os olhos cheios de lágrimas, me perguntou: o que a gente pode fazer, Meire ? Fui conversando com ele sem pressa, para tentar extrair as razões dele.

- “*Por que síndrome de Down é feio. E burro, só paga mico.*”

Ai contei para ele que nunca consegui aprender a tocar violão. E fui conversando sobre as diferenças das pessoas, que tenho os cabelos negros e sua mãe tem os cabelos loiros, que há homens negros e brancos, e deixei fluir repetidas vezes tudo que passou pelo meu coração.

E fui explicando um pouco sobre preconceito, e o que eu achava de pessoas que “falavam mal” de outras porque eram negras, ou pobres, por exemplo. Ai abri minha homepage e mostrei a foto da Manu (SD) e perguntei para ele o que ele achava dela.

- “*É linda, parece uma princesa !*”

Prossigui:

- “*Você percebeu como ela se parece com você? Sabia que ela tem SD?*”

Ele ficou muito impressionado.

- “*Ela é síndrome de Down?*”

E fui mostrando fotos e mais fotos. E entre as fotos fui explicando que “burro” é quem não sabe amar as pessoas como elas são e que cada um aprende

algumas coisas e não aprende outras. E que eu sabia que alguém tinha dito coisas ruins para ele, e que essa pessoa podia saber de muitas coisas, mas não sabia amar.

Ele, atento:

- “*Estou com uma coisa aqui*” (apontando para o tórax)

Eu não aguentei nessa hora, e comecei a chorar, pois estudei com a mãe dele.

Ele prosseguiu:

- “*Não chora tia, é que agora eu entendi. Acho que eu vou chorar*”

E terminamos os três chorando e rindo.

Acho que não se deve negar ao Down nenhuma descoberta. Nenhuma.

Meire Gomes - Médica Pediatra – Natal – RN.

Home Page: <http://www.meiregomes.med.br/espacodown>

Meu nome é Priscila Neves, tenho 23 anos, sou psicóloga formada pela São Marcos e estou fazendo pós-graduação em Educação Inclusiva na mesma Universidade. Faço parte do Consceg, pois no decorrer de minha trajetória acadêmica, passei por incontáveis situações de total inacessibilidade e falta de condições dignas para que pudesse acompanhar o meu curso. Por perceber as dificuldades de outras pessoas com deficiência nesta Universidade, participo deste grupo em que todos lutam pelos mesmos objetivos.



SAIA JUSTA

Prezados leitores, como estagiário de Direito da Universidade, e, logicamente, pela necessidade exigida pela futura profissão, várias vezes me dirigi ao Fórum para desenvolvimento de meu trabalho, sobretudo, para fazer consulta aos processos.

Confesso que não tenho o que reclamar do atendimento recebido por lá, pois os funcionários sempre se preocuparam em fazer o melhor possível, principalmente os do cartório. No entanto, essa cortesia, em alguns casos tem sido aplicada de maneira exagerada, e vocês entenderão essa minha afirmação, que em princípio parece ingrata.

Acontece, que na entrada do Fórum, assim como na maioria dos estabelecimentos comerciais, existe um sistema de segurança composto por um detector de metais com o objetivo de impedir a entrada de armas e materiais que possam comprometer a segurança do local. Pois bem, esses seguranças, em sua maioria, com um provável medo de serem mal interpretados não submetem os deficientes a esse tipo de revista.

Ora prezados leitores, vocês concordam comigo que qualquer pessoa mal intencionada pode usar desse subterfúgio, ou seja, para ser mais claro, pode usar um deficiente para cometer seus crimes? É simples, se ocorrer o que está sendo narrado, basta colocar a arma na bolsa do deficiente e entrar com ele livremente no estabelecimento.

Nesse sentido, aqui vão nossas necessárias dicas:

Ao verificar a entrada de qualquer deficiente no estabelecimento em que trabalha, amigo segurança, faça aquilo que é feito com qualquer cidadão desse país, reviste-o com a mesma educação e eficiência empregadas aos demais, pois não é por se tratar de um deficiente que automaticamente trata-se de uma pessoa de boa-fé. **CONSCEG**



Informática e papeleria Ltda.
www.kopell.com.br

Rua Tuiuti, 2520
Tatuapé □ São Paulo □ SP
Tel. (11) 6193-3337

Fabiano Guedes
Gerente de Loja
Cel. 9281-2580
fabiano@kopell.com.br

Nova Loja

Rua Aracé, 313
Vila Formosa □ São Paulo - SP
Tel. (11) 6672-7400
Fax: (11) 6672-7410

comercial@kopell.com.br



HERBALIFE
Seu Sucesso Começa Aqui
Saúde e Nutrição
Controle de Peso
Cuidados Pessoais




**ANA CAROLINA
DISTRIBUIDORA**

Oportunidade de Negócios

**Fone: (11) 6341-9347 / 9962-2921
Email: querol@hotmail.com**

Nossos anunciantes apóiam esse projeto –

DIÁRIO DE CEGO

17-05-2004. – Segunda-feira.

Amigo diário, hoje estou feliz, um pouco esfolado, mas feliz. Por que esfolado? Ah! Esqueci de lhe dizer que hoje começaram os preparativos lá na faculdade para a Jornada da saúde mental que será de 3 dias. Para isso as pessoas logo se prontificaram a reorganizar as coisas por lá. Uma dessas reorganizações envolveu o reposicionamento de alguns painéis, do tipo "totem", todos com cartazes coloridos e cheios de informações, avisando todos que enxergam, que a semana começa na quarta-feira e terá muitas palestras, encontros e discussões. Que legal não é? Eu também acho, mas infelizmente acredito que devo ter danificado algum painel daqueles, aliás, falando em encontros, foi um encontro! Porque eles foram colocados no único local seguro que eu tinha para passar, ou seja, no canto direito do corredor. Porque no canto esquerdo, tem orelhão, uma fila de latões de lixo e milhares de caixas de "bitucas" de cigarro (puxa vida! Como esse povo fuma!), Atenção, o Ministério da Saúde informa: Fumar pode provocar câncer... cuidado pessoal!

Mas voltando ao meu encontro, bati em cheio, de nariz, peito, cara e tudo, foi um daqueles encontros cinematográficos, como dois apaixonados que se encontram na praia e ao se abraçarem começam a girar, girar, girar, girar. Você lembra daquela música que diz assim: "... e a gente no meio da rua do mundo, no meio da chuva... a girar, que maravilha, a girar". Pois bem amigo, eu estou girando, girando e girando até agora, mas não de paixão ou de amor, mas sim de tontura, dor na testa e no nariz, isso sem contar a canela esfolada (será que a paixão também é assim?). O pior de tudo é que depois desse encontro apaixonado, o safado daquele painel nem me mandou uma carta, um bilhete, um e-mail, nada, nada, quanta insensibilidade!! Bem, mas frustrações amorosas a parte, depois eu encontrei também um jogo de cadeiras geminadas, do tipo escritório sabe? Que eu juro, nunca estiveram naquele lugar, juro mesmo!

Ah, mas não se preocupe, esse encontro não foi avassalador e apaixonado como o do painel, foi normal, afinal eu não conseguia esquecer aquele fofo, ele insistia em latejar em minha cabeça, além do que, sou fiel as minhas paixões...

Como percebi que o caminho tradicionalmente livre estava bloqueado, resolvi procurar o caminho tradicionalmente bloqueado

Para ver se estava livre. E não é que estava! Também com todos aqueles painéis e cadeiras lá atrás...

Obviamente, as pessoas que fizeram todas essas mudanças no cotidiano da Universidade, não o fizeram com o objetivo de esfolar os ceguinhos que andam por

ali, o grande problema é que eles não lembraram que existem tais ceguinhos... Olá pessoal! Muito prazer heim! Tudo bem com vocês?!

Comigo? Ah! Comigo tudo bem, tudo em ordem!

Aliás, Cadê o Methiolate e o esparadrapo que estavam aqui??

Sabe, amigo diário, hoje eu aprendi um montão de coisas novas, teve uma apresentação de trabalho de meus colegas de turma, que falava sobre gravidez na adolescência, deve ter sido muito legal... O grupo passou um filme que tinha o som original em inglês e era legendado, por isso não entendi nada, mas acho que foi legal.

Depois teve uma outra apresentação que falava sobre saúde do trabalhador, as meninas passaram um monte de transparências. Não vi nada, mas acredito que foi legal também.

Depois, para fechar o dia com chave de ouro, a secretária da coordenação, entrou na sala e trouxe um montão de folhas de papel, entregaram uma delas na minha mão e fiquei "olhando" aquela folha... Achei que era pra gente fazer um aviãozinho e lançar pela janela, Porém, bem a tempo, uma alma nobre da sala me avisou, antes que eu o lançasse, e disse que ali estava escrito toda programação da semana da saúde mental. Sendo assim, desfiz o avião e guardei a folha, para até o dia que eu volte a enxergar e possa ler o seu conteúdo (aleluia!).

Sabe diário, é por tudo isso que eu adoro estudar Psicologia, a gente aprende tanto! A gente fica sabendo dos cuidados que o ser humano precisa ter com o outro, o respeito, o acolhimento, a preocupação com uma vida melhor para todos, com a compreensão para com as diferenças e coisas assim. Que bom!

Bem, é isso meu amigo brochura, até amanhã pra você, tenho certeza que será um belo dia.

NAZIBERTO LOPES.

**JORNAL
ACESSÍVEL
EM FORMATO
IMPRESSO
BRAILE
DIGITAL**

CONVITE: GRUPO PAPO COM OS PAIS

Até onde você iria na briga por incluir o seu filho? Em quantas portas você bateria só para ouvir que a escola não estava preparada? Você já pensou em passar o dia na sala de espera de um juiz, depois carregar esse mesmo juiz até a escola que recusava o seu filho?

O Grupo de Estudos de Inclusão e o Grupo Síndrome de Down convidam para o "Papo com os pais", encontro de pais, parentes, educadores, médicos e terapeutas ligados à Síndrome de Down e/ou à Inclusão, sobre temas como Saúde, Educação, Comportamento, Trabalho e Legislação. O próximo encontro será: A inclusão além da escola

Convidada: Jô Nunes - Presidente da Associação Brasileira de Síndrome de Williams

Data: 21 de Maio de 2005 - 16h00

Jô Nunes, Presidente da Associação Brasileira de Síndrome de Williams e membro do Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência de São Paulo. Nesse encontro ela vai contar a sua experiência, percalços e vitórias na luta para matricular sua filha em uma escola regular.

Data da inscrição: A partir de 03/05/2005 com duração de 18 dias

Taxa: Inscrições gratuitas

Endereço: Rua Dr Homem de Melo 714 - Perdizes (perto da PUC-SP)

Informações adicionais: inclusao@gmail.com

Realização: Grupo Síndrome de Down - <http://br.groups.yahoo.com/group/sindromededown/> - Grupo de Estudo de Inclusão.

Fonte: rede saci

Á VOCÊ AMIGO LEITOR

As histórias e vivências que são relatadas nesse jornal, são mais corriqueiras do que talvez alguns de vocês imaginem, e estão espalhadas em todos os lugares por aí fora. Por isso, solicitamos a todos que conheçam, saibam ou convivam com alguém com alguma deficiência, que esteja passando por situações semelhantes, em outras Universidades, que nos contatem, que nos informem, pois estamos seriamente interessados em contatar essas pessoas e verificar junto a elas como podemos fazer para unirmos nossas vozes. Queremos trazê-las também para esse grande debate que está interessado apenas em perguntar por que essa situação, independente da passagem do tempo, continua assim? Saibam que se fizerem isso, estarão colaborando muito para a inclusão desses amigos ou conhecidos. Não deixem de tentar. Como disse certa vez, um ilustre jurista brasileiro: "quando a causa é justa, é covardia se abster dela".

CONSCEG

HORÁCIO CARVALHO

Comércio de Vidros Planos Ltda.
COLOCAÇÃO DE VIDROS EM GERAL
Molduras, Quadros, Espelhos, Vidros, Bizotê,
Cristais e Temperados - Box e Instalação

Rua Azevedo Soares, 997 - Tatuapé - São Paulo - SP
Fone/Fax: 294-3858 - Cel.: 9690-1900



"Este edifício está sendo edificado por Jesus Cristo"

**Imóveis
CRECI. 62096**

FONE: 6101-1707

malvaimoveis@globocom

CONSCEG RECEBE VISITA DE ETEFRANIO, JORNALISTA MARCIANO

Um dia destes nós do CONSCEG estávamos reunidos na São Marcos, quando fomos abordados por uma ilustre visita que logo se apresentou:

Bom Dia, sou o Etefranio, vim de Marte, pois recebi um jornalzinho de vocês, resolvi entrevistá-los e conhecer a São Marcos.

Com muita satisfação apresentamos para ele a unidade João XXIII. Ao final de nosso passeio pela universidade, ele fez alguns comentários e perguntas:

Etefranio — Esta unidade da São Marcos é muito bonita, o ambiente é agradável, limpo e com várias opções de cursos, porém percebi também que a acessibilidade não é das melhores, logo na entrada tem uma escadinha. Como as pessoas com deficiência física fazem para entrar aqui?

Consceg — A nossa universidade disponibilizou uma entrada lateral onde estas pessoas dão a volta para driblar a escadinha, ou então precisam contar com a ajuda de alguém para auxiliá-las nos degraus.

Etefranio — Por que não fazem uma rampa?

Consceg — Este prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico, por isso infelizmente a São Marcos não pode intervir em sua estrutura física. É uma pena, o prédio é tombado e nós deficientes visuais sempre “trombamos” nele. Não existe sinalização tátil, apenas extintores de incêndio, vasos de plantas e janelas abertas em nosso caminho. Além disso temos rampas tão inclinadas que mais parecem tobogãs, tudo isso visando o maior conforto para todos os alunos.

Etefranio — Lá em Marte, as Universidades possuem “Vocação Humanística” todas elas se preocupam “com o conhecimento, a ética e a cidadania”, Possuem rampas realmente acessíveis, elevadores, piso tátil, computadores adaptados e impressoras Braille, para os marcianos que não enxergam.

Consceg — Puxa! De tudo isso, nós temos alguns computadores adaptados, e como não queremos ser agressivos vamos esperar o dia que poderemos estudar em Marte, afinal de contas não é tão longe assim!!!

Etefranio — Será um prazer, o planeta vermelho aguarda por vocês, agora preciso ir, mas logo voltarei para saber as novidades, tchau galera!

Depois desta visita, refletimos muito e chegamos a seguinte conclusão: Vamos aguardar com muita paciência e esperar que um dia a São Marcos seja tão eficiente como as Universidades Marcianas, ou será que é

mais fácil mudarmos de planeta?

PRISCILA NEVES

REPENSANDO O DIA-A-DIA

O nascimento de cada ser humano é uma experiência cercada de encantamento, gratidão, surpresa, esperança, sentimento de milagre da vida. Vindo à luz como nenhum ser humano antes e, ao mesmo tempo, chegando em meio à comunidade humana como todos, o momento do nascimento é afirmação de liberdade e de igualdade. Liberdade, porque é único. Igualdade, porque é como todos.

É também nosso primeiro encontro com a dependência que temos, e teremos para sempre, da comunidade na qual e com a qual vivemos. A pura dependência de um corpo indefeso de bebê crescerá, junto com esse corpo, em direção à oportunidade de cooperar com essa comunidade, de oferecer a ela uma contribuição, que reafirmará a vida de cada um como única e singular.

Tudo se transforma, seres humanos vão e vêm, a comunidade humana deve acolher com fraternidade cada ser humano que chega e despedir-se dignamente de cada um que se vai. Ao morrer, nosso corpo está novamente indefeso, somos outra vez inteiramente dependentes da comunidade na qual vivemos.

Construir a igualdade é a primeira tarefa que se coloca a todos, a cada dia, que abre a oportunidade de construirmos, igualmente, nossa liberdade.

(trecho do livro: Direitos Humanos no cotidiano, 2001. pag. 29).



HUMOR

O filho diz ao Pai: - Pai, eu preciso fazer um trabalho na escola, você pode me ajudar?

- Claro, meu filho, qual é o assunto?

- O que é política, pai?

- Bem, vou usar a nossa casa como exemplo:

“Sou eu quem traz dinheiro para casa, então eu sou o CAPITALISMO.

Sua mãe administra (gasta!) o dinheiro, então ela é o GOVERNO.

Como nós cuidamos das suas necessidades, então você é o POVO.

A empregada é a CLASSE TRABALHADORA.

E seu irmãozinho é o FUTURO.”

Entendeu, meu filho?

- Mais ou menos pai, vou pensar...

Naquela noite, acordado pelo choro do irmãozinho, o menino foi ver o que havia de errado. Descobriu que o irmãozinho tinha sujado a fralda e estava todo emporcalhado.

Foi ao quarto dos pais e a mãe estava num sono muito pesado.

Então, foi ao quarto da empregada e viu, através da fechadura, o pai na cama com a empregada. Como os dois nem percebiam as batidas que o menino dava na porta, ele voltou para o quarto e dormiu. Na manhã seguinte, no café da manhã, o menino falou para o pai:

- Pai, agora acho que entendi o que é política.

- Ótimo filho! Então me explique com suas próprias palavras...

- Bom, pai, ontem a noite eu percebi que enquanto o CAPITALISMO ferra a CLASSE TRABALHADORA; o GOVERNO dorme profundamente; o POVO é ignorado e o FUTURO fica na merda!

SÍLVIO NEVES

marcson
SISTEMAS DE SOM E SEGURANÇA AUTOMOTIVA

Som, Alarmes, Travas, Filme e Acessórios em Geral

Rua Bom Pastor, 1.537 - Ipiranga
Site: www.marcson.com.br e-mail: marcons@terra.com.br

272-21-23 / 272-2755
FAX: 6161-6115

APARELHOS HOSPITALARES

Aluguel e Venda

Cadeira de Rodas
Cadeira de Banho
Cama Hospitalar

Muletas
Bengalas
Andador
Inalador, etc

ENTREGA EM DOMICÍLIO
Rua Bom Pastor, 1863 - Ipiranga
Fone (11) 6161-8816

Horário: 2ª a 6ª, das 8:00 às 18:15 hs
Sábado das 8:30 às 14:00 hs

Nossos anunciantes apóiam esse projeto –



CARTAS DO LEITOR

Olá Pessoal,

Eu sou médica, moro no Espírito Santo e sou mãe de uma garotinha de 2 anos e meio que tem deficiência visual. Acabei de ler a primeira edição do jornal de vocês aí da São Marcos e queria parabenizá-los pelo belíssimo trabalho que estão realizando dentro da Universidade em que estudam. Muitas das conquistas que obtiverem aí, talvez não sejam desfrutadas por vocês porque já estarão perto de concluir os seus respectivos cursos, porém imaginem quanto de sensibilização e conscientização das pessoas que os cercam terão conseguido? E as nossas crianças e adolescentes cegos de hoje, poderão encontrar condições acessíveis para seus estudos, e terem o direito de apenas se preocuparem em estudar as matérias, como todos os demais colegas de vocês que não precisam estar às voltas com essas questões, não? Era isso que as pessoas deveriam parar para pensar, será que já imaginaram como seria tudo mais difícil, se tivessem que lutar pelo direito de ler uma apostila, realizar uma prova, ou simplesmente alcançar a sala de aula? Gostaria de dizer também que acredito muito nessa força vinda de vocês, como agentes dessa mudança de postura da sociedade. Li todos os textos do Jornal, e os achei muito coerentes, ácidos quando não podiam ser de outra forma e corretos quando se propõem a conferir e divulgar o que está sendo realizado de fato. Não tenho dúvidas de que os progressos ocorrerão, desejo a todos vocês sucesso nos cursos que realizam e também no trabalho de construção dessa sociedade que esperamos seja inclusiva de verdade. Um grande abraço. PS: Gostaria que me enviasse cópias em braile e impressas para que eu distribua nas universidades e escolas da minha região. **Rosângela**

Caros amigos,

Li sobre o trabalho de vcs pela rede Saci. Parabéns!!! Adorei!! Gostaria de merecer a atenção de vcs enviando exemplar para mim sempre que sair o jornal. Segue anexos sobre meu trabalho. Abraços fraternos.
Eni D'Carvalho – Artista Plástica.

Amigos do Consceg

Numa outra mensagem vou fazer comentários gerais sobre o jornal. Mas tenho de chamar a atenção que a primeira piada da seção de humor traz uma gafe inadmissível para um jornal que se diz lutar pela inclusão. Primeiro porque deixa subentendido que os deficientes mentais são seres de pior qualidade... Depois porque confunde deficiência mental com doença mental que são coisas completamente diferentes, ainda que possam ocorrer num mesmo indivíduo. Um estudante de psicologia sabe bem disso. Se fosse assim,

teríamos de chamar os cegos de doentes visuais. Nem o tratamento pejorativo, nem a confusão entre deficiência e doença poderiam ter passado em branco no crivo dos editores do jornal... Aliás, a terceira piada também é horrível, lidando de uma forma jocosa com algumas doenças mentais. Afinal, a inclusão também não é para os doentes mentais? Sei que vocês estavam ansiosos por lançar o jornal. Mas vejam se nas próximas edições vocês dão uma lida melhor antes de liberar para a publicação.

Um abraço. **Fábio Adiron**

Acabei de ler um exemplar do jornal de vocês, e fiquei muito feliz por ver que o empenho e a luta de todos vocês estão dando os frutos desejados.

Parabéns e continuem com essa obra, pois certamente ela ainda ajudará inúmeras pessoas. Um grande beijo.

Magali - Auditora

Vocês fazem a diferença! Aliás, cada um que não fica acomodado, de certa forma, faz a diferença. O paradigma é que o portador de deficiência fique acomodado com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar... E nós, que vamos a luta, que corremos atrás, que vivemos, que levamos porrada, que batemos a cabeça em orelhões, que esbarramos em rampas, que lutamos, precisamos acreditar que o sonho é possível. Precisamos acreditar que um mundo melhor virá, um mundo onde as diferenças sejam respeitadas, onde os homens sejam iguais e justos... Parabéns pela iniciativa do jornal.

Abraços. Marcio Aguiar - Fisioterapeuta – deficiente visual.

**JORNAL
ACESSÍVEL
EM FORMATO
IMPRESSO
BRAILE
DIGITAL**

E viva a diferença

Goiás ousa ao implantar a educação inclusiva e dá o primeiro passo para que a sociedade supere os preconceitos.

A polêmica estabelecida nacionalmente sobre a viabilidade da educação inclusiva tornou-se inócua em Goiás. Cerca de 12 mil alunos com necessidades especiais já dividem os bancos das salas de aula do ensino regular com outros estudantes. Apesar da resistência de pais, professores e diretores, a inclusão é uma realidade louvável. O programa fez do Estado exemplo para o Banco Mundial e para o Unicef e ajuda não só educadores, mas a própria sociedade, a conviver e a aceitar as diferenças. Atualmente, não se discute mais a unificação, mas formas de melhorar o desempenho de todos, já que as dificuldades pedagógicas persistem.

Em cinco anos, desde que Goiás iniciou sua política de educação inclusiva, o número de alunos com necessidades especiais matriculados em escolas regulares cresceu 200%. Dados do censo escolar do Ministério de Educação e Cultura (MEC) registravam, em 1999, 3.728 alunos especiais na rede básica de ensino. Já em 2004, última aferição, a estatística atingiu 11.853 alunos incluídos. Ao todo, são 20 mil estudantes com algum tipo de deficiência no Estado, sendo 7.844 alunos de escolas especializadas.

Pioneirismo

“Goiás e Rio Grande do Norte são os únicos Estados que têm mais alunos com necessidades especiais em escolas comuns do que em especiais”, relata o professor Dalson Borges, superintendente de Educação Especial de Goiás. Dos 246 municípios goianos, 140 já firmaram parceria com o Estado para se adaptar à Educação Inclusiva. Em 1999, apenas 77 deles tinham alunos com necessidades especiais. Hoje, todos, sem exceção, educam pelo menos um aluno deficiente. Cerca de 150 escolas já passaram por mudanças arquitetônicas - como a construção de rampas, banheiros especiais e o alargamento das portas - para receber os novos estudantes e 15 mil professores foram capacitados.

Falta de preparo

“Estamos na frente. Ainda não por qualidade, mas por pioneirismo”, comemora o superintendente, ciente dos obstáculos a serem transpostos. De fato, admite, os professores ainda não estão preparados para educar crianças com necessidades especiais. Pior, segundo ele, não são capacitados para educar qualquer criança. Pesquisa do MEC de 2003 revelou que 40% dos alunos terminam a 4ª série do ensino fundamental sem saber ler. **Cristina X. de Almeida - Diário da Manhã / Rede SACI**

LIVRARIA D'QUIXOTE

Livros e Vídeo Locadora

Unidade João XXIII

Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê.

Faça seus pedidos e pague em 3x s/ juros

Compramos livros usados

Fone: 6915-7253



**Almoço Self Service por kilo
(de domingo a domingo)**

100 gr R\$ 1,69

HAMBURGER ARTESANAL

- Picanha
- Salmão
- Pernil de porco
- Calabreza

**Petit Gateau - Açai na Tijela
Sorvetes Diversos - Milk Shake**

Praça Silvio Romero, 183

Telefone: 295-8447 reservas

Das 11:30 às 2 hs.

(ar condicionado)

Estac. e/ manobrista